

# O TOPÔNIMO CERRADO: CONSIDERAÇÕES ECOLINGUÍSTICAS ACERCA DO TERMO

## THE PLACE NAME CERRADO: ECOLINGUISTICS CONSIDERATIONS ABOUT THE TERM

Kênia Mara de Freitas Siqueira \*

*Num abrir e fechar de olhos, sentia o murmúrio de um cerrado semeado de calandras tenras qual imagem de si mesma (SIQUEIRA, 2018, p. 14).*

### RESUMO

O objetivo deste estudo se constitui na esteira histórico-ecológica que direciona como o termo “cerrado” deixa de ser usado como modificador como em “campos cerrados”, “bioma cerrado, domínio cerrado”, para assumir funções nominais referenciais, ou seja, passa a designar, além do bioma cerrado propriamente dito, todo espaço rural goiano, ainda que esses lugares não apresentem as características de “savana floristicamente rica”. O “cerrado” ultrapassa esses limites fitofisiológicos para abranger outras feições morfológicas e climáticas e outras condições ecológicas para se consolidar como elemento identitário goiano usado em função toponímica. Este estudo pauta-se na proposta ecossistêmica, na inter-relação língua e ambiente mental ou físico representados pelo tripé língua, população e território. O estudo retoma a discussão sobre uma identidade cerradeira, que simboliza o habitante deste território, fruto ou não do amálgama cultural dos povos, cujos conhecimentos evidenciam as identidades do povo goiano vinculadas ao topônimo “Cerrado”.

**Palavras-chave:** Ecossistema. Toponímia. Ambiente.

### ABSTRACT

*The objective of this study is the historical ecological trail that directs how the term “cerrado” is no longer used as a modifier as in “closed fields”, “closed biome, cerrado domain”, to assume nominal functions, designate, besides the cerrado biome proper, all rural areas in Goiás,*

\* Doutora em Linguística pela UFG.

*even though these places do not have the characteristics of “floristically rich savanna”. The “cerrado” exceeds these phytophysiognomic limits to include other morphological and climatic features and other ecological conditions to consolidate as a Goiana identity element used in toponymic function. This study is based on the ecosystemic proposal, on the interrelated language and mental or physical environment represented in the tripod language, population and territory. The study retakes the discussion about a closing identity, which symbolizes the inhabitant of this territory, fruit or not of the cultural amalgam of the peoples, whose knowledge evidences the identities of the Goiano people linked to the toponym “Cerrado”.*

**Keywords:** *Ecosystem. Toponymy. Environment.*

## 1 INTRODUÇÃO

Para Quintela (2010), o termo “sertão” como referência ao território goiano deixou de ser usado, embora não totalmente, por volta do início do século passado. Entretanto, convém ressaltar que o termo era usado quase como uma “categoria de pensamento social” ou como “categoria cultural” simbólica referente à porção territorial que compreendia todo o estado de Goiás.

Essa “categoria cultural”, nos estudos do imaginário, formava um conjunto de características que remetiam não somente ao espaço físico, mas também ao *locus* cultural goiano. Desaparecido o termo “sertão”, que outro termo o substituiria como referência a Goiás? Segundo Quintela (2010), a extinção do *locus* “sertão” é diretamente proporcional à consolidação do termo “cerrado” como um dos símbolos do espaço goiano.

Assim, o objetivo deste estudo se constitui na esteira histórico-ecológica que direciona como o termo “cerrado” deixa de ser usado como modificador como em “campos cerrados”, “bioma cerrado, domínio cerrado”, para assumir funções nominiais referenciais, ou seja, passa a designar, além do bioma cerrado propriamente dito, todo espaço rural goiano, ainda que esses lugares não apresentem as características de “savana floristicamente rica”; nem o bioma de fitofisionomias savânicas.

Na verdade, “cerrado” ultrapassa esses limites fitofisionômicos para abranger outras feições morfológicas e climáticas. Enfim, outras condições ecológicas para se consolidar como elemento identitário goiano usado como topônimo.

Este estudo pauta-se na proposta ecossistêmica de análise linguística porque se fundamenta na inter-relação língua e ambiente mental ou físico representados no tripé língua (L), população (P) e território (T). O estudo retoma a discussão sobre uma identidade cerratense, (de *Homo Cerratensis*, termo criado por Paulo Beltran), que simboliza o habitante deste território, fruto ou não do amálgama cultural do português, do índio e do negro, cujos conhecimentos evidenciam as identidades do povo goiano vinculadas ao topônimo “Cerrado”. A metodologia se constitui de revisão bibliográfica.

## 2 TOPONÍMIA

Os estudos toponímicos, a despeito das bases teóricas em que se fundamentam trazem à tona a relação entre nome, espaço, lugar e ainda, considerando o ecossistema, a inter-relação

território, língua e população, isto é, o lugar tomado em termos sociais, culturais, políticos e ecossistêmicos. Essa tríade é fundamental para se refletir sobre os aspectos da linguagem em sua natureza ecológica.

Em bases onomástico-toponímicas, entretanto, a reflexão se dá mais precisamente entre o nome e um lugar ou, dito de outro modo, que características ou especificidades do lugar nomeado são detectados no ato de nomeação, na motivação que permeia os topônimos de uma maneira geral. O quê do espaço nomeado mereceu a atenção, o foco do denominador ao designá-lo com um nome específico entre tantos outros que a língua oferece.

Mesmo que seja mais comumente utilizado, o conceito de lugar tem seus correlatos a depender de que proposta de estudo se tem em mente e qual abordagem é mais adequada. Neste estudo, intenta-se verificar o termo “Cerrado” de acordo com esse ponto de vista.

O Cerrado é um lugar? É um conceito? Que conceito de lugar é mais adequado para defini-lo assim? Em que sentido pode-se considerá-lo como tal, ou seja, dentro de uma proposta de estudo que contemple as especificidades do cerrado como bioma, como lugar simbólico referencial que é identificado por nome que tem como referente todo um conjunto de características ecológicas, geomorfológicas e também culturais por ser o lugar, ou *habitat* do “cerradeiro” termo de Mendonça (2007).

Os elementos carregados para a escolha de nomes para os lugares são como catalisadores de uma gama intrincada de aspectos que tem sua origem e, provavelmente, sua “chegada”, na relação língua/território. É preciso elucidar essa relação para que se possa pensar na elaboração ou reformulação de outras propostas metodológicas para o estudo da toponímia de Goiás.

Assim, parece razoável pensar os nomes de lugares partindo de estudos que tomam o conceito de lugar em diferentes abordagens teórica e metodológica. Com esse fito, é possível empreender descrições mais apropriadas do espaço histórico-geográfico de um lugar, o que não deixa de constituir também e até certo ponto, um levantamento das primeiras designações por que era conhecido o território que hoje se reconhece como Goiás, espaço de goianidades diversas.

Parece cabível salientar que o interesse pelos nomes de lugares acompanha o homem desde o momento (imemoriável) em que o nomeador travou suas primeiras interações com os lugares que o circundavam seja para explorá-los seja para se apossar deles ou ainda para criar laços culturais construindo e transformando o ambiente em que habitavam.

O ato de nomeação é inerente ao homem, para Biderman (2001), está relacionado com o léxico e é a forma mais usual de o ser humano registrar seu conhecimento sobre a realidade. Isso porque, quando se realiza a nomeação dos seres e dos objetos do mundo, o homem também efetiva a categorização desses objetos, já que os identifica e os classifica por meio da percepção de suas semelhanças e diferenças e de suas relações com outros objetos já conhecidos.

A autora ressalta que é a nomeação frequente que forma e impulsiona o léxico das línguas naturais porque, de certa forma, o léxico é resultado da reflexão e apropriação que o indivíduo faz da sua realidade.

Consensualmente, pode-se dizer que os estudos toponímicos se atêm à recolha e à análise dos nomes atribuídos ao espaço conhecido e habitado ou não pelo ser humano. Conforme Dorion (2003 apud Carvalho, 2003, p. 383), a toponímia “se escreve em uma dupla dimensão: a do espaço, chamada de função toponímica e a do tempo, que pode ser compreendida como memória toponímica”. Os topônimos são testemunhos que notabilizam a relação entre o homem e o ambiente físico natural ou cultural através do tempo.

Em consonância com o que diz Fonseca (1997), essa visão leva a acatar a ideia de que a maioria dos topônimos surge de maneira espontânea da percepção e da inter-relação homem/

meio ambiente, ainda que muitos outros topônimos sejam resultados de atos fundacionais, de escolhas pensadas e marcadas por motivações de diversas ordens em atos oficiais normalmente registrados em documentos.

### 3 O CERRADO

Por se tratar não só de uma questão de nome, mas também de uma questão simbólica, já que afeta o modo como os goianos se identificam e reconhecem o território em que vivem, “Cerrado” traz, além das inúmeras imagens advindas do imaginário popular; construções conceituais que se expressam inclusive no termo tomado como verbete. Assim, para o dicionário Michaelis (1998, p. 474), “Cerrado”, como categoria nominal é:

Cerrado sm [...] 2 vegetação xerófila de planaltos com alguma cobertura herbácea. C, fechado: aquele em que as árvores estão muito próximas umas das outras. C, ralo: aquele em que a distância entre as árvores permite trânsito de animais.

O dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001), também caracteriza “Cerrado” como terreno de mata xerófila dos planaltos e acrescenta: de formação arbórea aberta e vegetação herbácea abundante. Apresenta árvores pequenas e tortuosas com casca grossa e suberosa. Sobre o clima, no Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001), afirma ser com longos períodos de seca.

Já Machado (2003, p. 394), traz o verbete “Cerrado”, designando-o como um topônimo, “muito frequente tanto em Portugal como no Brasil”. Em Portugal usado em expressões como “Cerrado da Galega”. Machado (2003) relaciona também “cerradinho”, diminutivo de Cerrado, como topônimo muito usado no Brasil (Minas Gerais, Paraná, São Paulo). Em Goiás, é menos usado, já que “Cerrado” designa o grande chão de goianidades.

Vicentini (2016, p. 20) afirma que o uso do termo cerrado para caracterizar mais que uma região física é recente e, historicamente, alia-se a um discurso de planificação capitalista que vem se consolidando em Goiás desde a década de 1960, “como parte do desenvolvimento desse modo de produção no país”.

A palavra cerrado para designar o lugar que antes era referido como “sertão”, é, por conseguinte, mais abrangente, mais ampla e tem origem no discurso da Geografia Física que apresenta a noção de que o cerrado designa um tipo de vegetação capaz de caracterizar regiões naturais com traços precisos acerca da altura, tamanho e lugares onde são encontrados.

Para Quintela (2010, p. 242), a “desaparição do sertão”, imagem com a qual se identificava Goiás antes do século XX, é proporcional à “consolidação do termo cerrado como um dos símbolos estaduais”.

Para Amado (1995, *apud* Quintela, 2010, p. 242), o termo “sertão” designava os territórios distantes das capitais dos estados litorâneos, constituiria uma “categoria do pensamento social”, um aspecto cultural que identificava o que se referia a regiões mais recônditas dos imensos territórios pouco ocupados. Nesse sentido, justifica-se porque algumas historiografias vinculam esses lugares como parte da essência da nacionalidade brasileira. Em relação aos aspectos culturais, atribuiu-se ao sertão, peculiaridades vinculadas ao imaginário que fez com que surgissem diversas designações espontâneas para o lugar denominado por Cerrado.

Na verdade, para Quintela (2010, p. 244), sertão ou Cerrado é apenas uma questão de nomenclatura, que gradualmente, este nome foi substituindo aquele como maneira mais usada para

indicar o território goiano. Havia também, entre o fim do século XIX e até meados do século XX (e mesmo até hoje<sup>1</sup>) a concorrência, principalmente, dos termos Cerrado e Planalto Central, este foi aos poucos, restringindo seu uso à nova Capital Federal. Enquanto que Cerrado se torna a referência a Goiás.

No entanto, houve tentativas (infrutíferas) de criar uma identidade por meio de termos tais como “hinterlândia ou hinterland”, alguns se referiam a Goiás como “centro, planalto”. Ao lado desses nomes ditos oficiais, pululavam na boca do povo os nomes espontâneos, nascidos das realidades cerradeiras.

Essas designações espontâneas para o lugar Cerrado aludem a representações ora positivas: “celeiro do Brasil, corredor produtivo, caixa d’água do planeta”, ora com conotação mais negativa tais como: “lugar de vegetação feia, solo pobre, povo rude; região do pau torto, região letárgica, sertão inóspito, floresta de cabeça para baixo” (CHAVEIRO; BARREIRA, 2010, p. 15).

São nomeações populares que fazem referência não somente às características físicas, geomorfológicas, mas também a aspectos de ordem subjetiva como “vegetação feia, povo rude”; “região letárgica”, “sertão inóspito”, “floresta de cabeça para baixo”. Esses nomes espontâneos oferecem algumas perspectivas acerca do reconhecimento de uma(s) identidade(s) cerradeira(s).

Segundo Mendonça (2017), qualquer pesquisador que pretenda estudar este tema tem, necessariamente, de considerar a importância da construção de uma leitura do Cerrado a partir do material e do imaterial, levando em conta as práticas socioculturais como fundantes no processo de apropriação do espaço e na produção dos territórios.

Chaveiro e Barreira (2010) ressaltam que:

[...] não basta identificar as suas características físicas ou naturais, como os tipos de seus solos, as formas de seu relevo, a sua potência hídrica, as suas fitofisnomias etc. além das identificações e classificações torna-se salutar averiguar o modo como esse ambiente heterogêneo é apropriado, usado e impactado por um tipo de modelo econômico. Cabe, também, verificar quais são os atores que se beneficiam do uso do Cerrado. Da mesma maneira, é necessário compreender as estratégias de uso, o papel da logística espacial ou da infraestrutura, suas diferenciações regionais etc. como componentes importantes para elucidar conflitos, contradições e problemas ambientais decorrentes do processo de ocupação atual.

Esses fatores em conjunto, agem na construção da identidade antes sertaneja, agora cerradeira dos goianos. Para esses autores, deve-se considerar a produção social, as práticas socioculturais sem desvinculá-las da biodiversidade, das múltiplas dimensões sociais e culturais que apontam a existência de identidades cerradeiras, ou melhor, das “sociobiodiversidades”.

Por outro lado, essas identidades antes mais simples, até bucólicas, com as quais o cerradeiro de hoje se identifica, podem estar se perdendo em decorrência do progresso desordenado que vem se efetivando no Planalto Central. Para Couto (2007, p. 368), a vida simples e bucólica foi alterada drasticamente pelo desenvolvimento sem sustentabilidade. “Antes da chegada dos colonizadores, havia nessa região um ecossistema em homeostase, autossustentável e em perfeita harmonia”, que servia de *habitat* para uma fauna e flora bastante diversificada. Com a chegada de novos habitantes, nos primeiros tempos, o ecossistema cerrado “conseguiu assimilar os ádvenas, o que significa que

<sup>1</sup> A palavra “sertão” continuou a ser usada em obras de autores não goianos. O apagamento do termo só se efetivou, dando lugar a Cerrado (como referência a Goiás) com a interiorização da Capital Federal, para não usar o mesmo termo (Planalto Central) para se referir a ambos: Goiás e Capital Federal (QUINTELA, 2010).

os últimos se adaptaram a ele sem grandes agressões”. No entanto, com a chegada da estrada de ferro e a construção de Brasília houve um desequilíbrio significativo entre sustentabilidade e desenvolvimento. Para Couto (2007, p. 369-370):

Uma das consequências mais conspícuas do “desenvolvimento” que foi trazido para Brasília é que cerca 60% do cerrado já foi devastado. Dos restantes 40%, apenas 10% permanecem como no original. No DF, a área destruída chega a 80%. Além disso, à medida que as cidades incham e a demanda por água aumenta, a quantidade de água potável disponível diminui. Aliás, esse problema é mundial. [...] “desenvolvimento” que está se dando no Planalto Central tem piorado a vida da grande maioria de seus habitantes. A vida “simples” e talvez até bucólica que se levava antes do “desenvolvimento”, no fundo no fundo, era muito melhor do que a poluição, a ocupação de vias públicas por desvalidos, o medo da violência.

Apesar de toda essa situação desfavorável, o cerrado como representação simbólica da cultura goiana tem se mantido desde o início do século XX como referência não apenas ao bioma, propriamente dito, mas às identidades que vêm se formando em torno dele. Assim, pode se verificar inúmeros eventos em que a palavra cerrado engloba todo um conjunto de práticas, costumes e tradições antes conhecidas como tipicamente goianas: Feira do Cerrado, Vozes do Cerrado, Arte e Cultura do Cerrado, Tradições do Cerrado, comidas do Cerrado para citar apenas algumas.

Retomando Quintela (2010), por volta do início do século XIX, a palavra cerrado vai tomando novas funções no sintagma: de modificador, com sentido de fechado, obstruído, cerrado, passa à categoria dos nomes, dos substantivos. Para Quintela (2010), essa mudança de categoria é uma criação científica, e estava na boca do povo nesse século, que a considera um termo adequado para definir o solo, a flora, e a paisagem de então.

#### 4 O TOPÔNIMO CERRADO

Segundo Seabra (2006), uma palavra que se torna um nome de lugar, um topônimo, vai além da expressão linguística e envolve os referentes que nomeiam. São designadores rígidos, designam um lugar de uma maneira única e direta, representam ou são os próprios referentes. O nome de lugar permanece, ao longo do tempo, porque é provido de função referencial, mesmo que seu sentido não seja conhecido pelos interlocutores, a interação linguística não é comprometida, porque, em termos referenciais (próprio dos topônimos), numa situação de interação, o sentido da palavra não é imprescindível.

Seabra (2006) continua dizendo que um nome comum se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se. Em outras palavras, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). No processo de nomeação, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental. Em termos ecossistêmicos, esse processo se situa no meio ambiente mental do falante.

Isso acarreta concordar com Zamariano (2012, p. 359) que diz que estudar os nomes próprios de lugares “suscita uma investigação que não se encerra em uma disciplina específica, visto que atravessa por campos teóricos distintos”. O que também vale para explicar o cunho ecossistêmico dos estudos toponímicos, uma vez que se estendem em redes de conhecimento captando os fatos que concorreram para que determinado nome fosse alçado à designação específica de um território, seja uma vasta extensão territorial de pluralidade cultural, linguística, mas que se reconhecem, a população, como sendo um povo apenas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os designativos de lugar, independentemente do aporte teórico em que se fundamenta, faz emergir a relação entre nome, espaço, lugar e, em termos ecossistêmicos, também a inter-relação língua, povo e território, ou seja, o lugar tomado em termos políticos, sociais, culturais e ecossistêmicos. Essa tríade é fundamental para se pensar os fatos da linguagem em sua natureza ecológica. A emergência do termo “cerrado” como referência ao território goiano pode ser visto como o resultado (sempre em construção) do reconhecimento de identidades que compartilham características específicas do lugar “cerrado” reconhecido quase como uma “categoria de pensamento social” ou como “categoria cultural” simbólica referente à porção territorial que compreende todo o estado de Goiás. Nesse sentido, o termo “cerrado” ocupou o lugar do sertão como referência à essa categoria cultural.

Essa “categoria cultural” constituía um conjunto de traços físicos e culturais que remetia ao espaço físico e ao *locus* cultural goiano. Com o desaparecimento (ainda que não totalmente) do *locus* “sertão”, o “cerrado” assume funções de núcleo do sintagma nominal, converte-se em designativo de lugar; assume funções toponímicas visto que é, em grandes proporções, um dos símbolos do espaço goiano.

## REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHO, F. de A. Baependi: investigação toponímica, diacrônica e etimológica. *Cadernos do CNLF*, v. 16, t. 1, n. 4, p. 383-393, 2003.
- CHAVEIRO, E. F.; BARREIRA, C. C. M. A. Cartografia de um pensamento do Cerrado. In: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (org.). *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 15-33.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- FONSECA, G. S. *La gente pasa, los nombres quedan...: introducción en la toponimia*. Lima: G. Herrera, 1997.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. v. A-D.
- MENDONÇA, M. R. Bioenergia e viabilidade da produção de alimentos: para quem? *Revista Formação*, São Paulo, v. 2, n. 15, p. 189-226, 2007.
- MENDONÇA, M. R. *O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades*. 2017. Disponível em: <http://www.ct-escoladacidade.org/contracondutas/editorias/trabalho-terra-e-globalizacao-desafios-nas-fronteiras-energeticas/o-cerrado-goiano-numa-encruzilhada-de-tempos-os-territorios-em-disputa-e-as-novas-territorialidades/>. Acesso em: 2 maio 2018.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

QUINTELA, A. C. Do sertão ao cerrado do Planalto Central: uma questão de nomenclatura. *Revista UFG*, Goiás, ano 12, n. 9, p. 242-257, dez. 2010.

SEABRA, M. C. *Referência e onomástica*. 2006. Disponível em: <http://filologia.org.br/ileel/default.htm>. Acesso em: 1 maio 2018.

SIQUEIRA, K. M. de F. *Viragem*. São Paulo: Benfazeja, 2018.

VICENTINI, A. *Tal sertão qual cerrado?* Goiânia: Ateliê Tipográfico UFG, 2016.

ZAMARIANO, M. Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: América Central e Caribe: múltiplos olhares*, Niterói, v. 22, n. 45, p. 351-372, 2012.